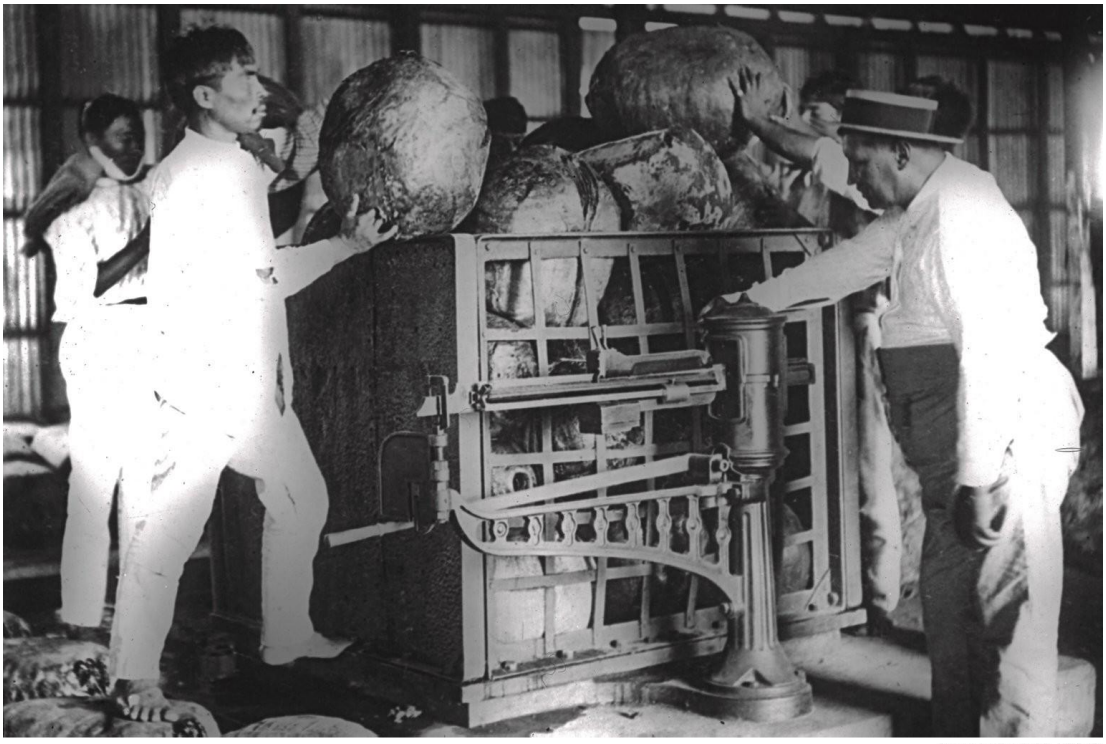
LEMAD
História
USP

Universidade de São Paulo
Brasil

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

A BORRACHA, OS SERINGUEIROS E A ESCRAVIDÃO INDÍGENA



Source gallica.bnf.fr / CIRAD

Trabalhadores brasileiros transportando bolas de borracha para uma balança, para serem pesadas e exportadas para a Europa, 1914. BNF- Gallica. Fotografia de Félix Ripeau. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10103933z.r=caoutchouc?rk=300430;4>. Acesso em: junho 2023.

Laboratório de Ensino e Material Didático

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Coordenação:
Prof.ª Drª. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitor Bolsista da Licenciatura:
Isabella Oliveira Cafer

Programa Unificado de Bolsas de Estudos:
Graziella Malagrine Basti
Luana Vendemiatti Mendes
Mariana Meneses Fernandes da Silva
Olga Beatriz Steffen Cruz

Voluntário:
Thiago de Andrade Nogueira

Funcionário Administrativo:
Marcos Antonio de Oliveira

Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2023

LISTA DE DOCUMENTOS

1A. LA CONDAMINE, Charles-Marie de, 1701-1774. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000, p. 72. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1045/580837.pdf.>. Acesso em: 17 de jun. de 2023

1B. SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. Volume III, pág 44 e 289. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/573991/001118266_Viagem_pelo_Brasil_v.3.pdf?sequence=16&isAllowed=y>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil:* compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias (1840). Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 219. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573382>. Acesso em: 17 de jun. de 2023

2. DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil:* Um Estudo de História Ecológica. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel, 1989, p. 24.

3A.LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1955, p. 349.

3B. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Seringueiro extraindo látex, ilustração de Percy Lau. 1953. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-zTByhR0DDug/Uctsx5qW9QI/AAAAAAAAAx8/rehmg2gJ4jc/s1600/seringueiro-amazonia.jpg. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

LISTA DE DOCUMENTOS

MELONIO, Fernanda. *Extração de látex no Acre*, WWF-Bras. Disponível em: https://www.wwf.org.br/?40102/WWF-Brasil-busca-valorizar-a-borracha-nativa-da-Amaznia. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

4A e 4B: KAXINAWA, Edson Medeiros Ixã; KAXINAWA, Isaias Sales Ibã; KAXINAWA, Benjamin Chere; KAXINAWA, Valdir Ferreira Tui. *História Indígena*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1996, p. 35. Disponível em: <https://cpiacre.org.br/wp-content/uploads/2020/04/História_indígena.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

4C. ANGELI, Arnaldo. *Reserva indígena, 2008*. Disponível em: <https://www.angelimatador.com/product-page/reserva-indi-gena-200>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

5A E 5B. CUNHA, Euclides da. *À margem da história.* 3ª. Edição. Lisboa: Porto, 1922, p. 55. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=43224>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

6. KLEIN, Daniel da Silva. *H*omens, mulheres e crianças na ocupação dos vales dos rios Purus e Acre: aspectos sociais na Amazônia sul-ocidental de 1889-1904. *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 42, nº 91, 2022, p. 250-251 – Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/TjVygCDNv4mNWzK3mbLRyjF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

LEITURA DE DOCUMENTOS

A proposta deste Kit é apresentar mais uma história da região amazônica. Agora, a problemática proposta é a história da extração da borracha, com início no século XIX e se estendendo até as primeiras décadas do século XX. É uma história de embates entre diferentes sujeitos históricos, envolvendo indígenas, migrantes, seringueiros, seringalistas (patrões), comerciantes e a imersão desta economia no desenvolvimento da indústria europeia e dos EUA.

Todos estes agentes passaram a conviver no meio da selva, extraindo o látex, primeiramente descoberto e utilizado pelos indígenas Omáguas, para fazer objetos impermeáveis à água e que tinham uma propriedade de elasticidade, admirada pelos europeus. No **documento 1A**, o naturalista francês La Condamine relata o uso do caucho por estes nativos que viviam na região do Rio Maranon, que nasce no Peru e deságua no Amazonas. Além disso, evidencia como os portugueses aprenderam a utilizar a borracha por meio dos conhecimentos produzidos pelos povos locais.

O látex, resina proveniente do caucho, é encontrado em países da América do Sul, e, assim como no caso do leite das seringueiras, transforma-se em borracha por meio de um processo de defumação. Viajantes europeus, visitando a região no início do século XIX, conheceram o uso possível para a borracha, já utilizada pela população local na confecção de diferentes objetos. Estas informações, presentes no **documento 1B,** também foram coletadas com os Kambeba e difundidas entre outros povos indígenas, na América do Norte e na Europa, em um contexto de crescimento das rodas de bicicletas e mais tarde dos pneus para automóveis.

O historiador norte-americano Warren Dean - **documento 2** - explica como o capitalismo industrial foi incorporando as matérias-primas encontradas na floresta Amazônica e em outros locais mais distantes da Europa, como África e Ásia. Essa busca por novos produtos foi primeiramente vista como curiosidade, sendo só depois utilizada para os interesses industriais. Dean ainda indica que a borracha foi a maior destas matérias-primas encontradas no Novo Mundo.

Com a inserção da borracha dentro do capitalismo industrial, sua extração é modificada, e são criadas novas relações de trabalho, deixando de ser apenas uma prática indígena. Assim, é organizada uma estrutura de extração em larga escala, com os seringalistas (patrões que delimitam a posse do território e contratam os seringueiros, em troca de ferramentas e

mantimentos). Essa dinâmica é descrita pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss no **documento 3A**, no qual detalha a rotina dos seringueiros, evidenciando as jornadas extensas de trabalho a que eram submetidos.

Tal descrição feita pelo autor pode ser vista nas imagens presentes no **documento 3B**, em que é possível identificar a contínua técnica utilizada para extrair a resina.

Esse desenvolvimento da extração da borracha e as demandas comerciais internacionais afetaram diretamente os povos indígenas residentes na região amazônica. O **documento 4A,** de autoria de professores indígenas Kaxinawa do Acre[1], relata o momento nomeado por eles como "tempo das correrias", quando da chegada dos não indígenas - seringueiros e caucheiros - na região. A partir daí, esses povos tiveram suas terras invadidas e foram forçados a se deslocar, fugindo da violência e do regime de servidão imposto na exploração da borracha.

Começava, então, o que os Kaxinawa denominaram de o "tempo de cativeiro", descrito no **documento 4B**, em que os indígenas passaram a trabalhar nos seringais e adquiriram grandes dívidas, uma vez que eram roubados por seus patrões e obrigados a comprar mercadorias muito acima do preço. Segundo o trecho, esta situação apenas mudou com a chegada da FUNAI no Acre, quando os povos passaram a conhecer seus direitos constitucionais. A charge trabalhada no **documento 4C** sintetiza essa trajetória ao retratar as marcas da sangria das seringueiras nas costas de um indígena.

Pensando em outros grupos envolvidos na extração da borracha, o **documento 5A** traz um texto de autoria de Euclides da Cunha, sobre a migração forçada de nordestinos para a Amazônia, no período de grandes secas do final do século XIX e início do século XX. O autor indica que enviá-los para aquela região era o mesmo que *"expatria-los dentro da própria pátria",* visto que a Amazônia ainda era um local pouco povoado naquele momento.

Continuando com Euclides da Cunha, o **documento 5B** evidencia a trajetória de um seringueiro do Ceará até o Pará, descrevendo as dívidas

---

[1.] O livro didático *História Indígena* foi produzido por professores indígenas do Acre e Sul da Amazônia, durante etapas do Projeto de Educação "Uma experiência de Autoria", desenvolvido pela Comissão Pró-índio do Acre com o objetivo de formar professores indígenas para as escolas das aldeias.

que este sujeito adquiriu forçadamente ao longo do tempo, durante seu trabalho como seringueiro. Esta realidade era comum a muitos trabalhadores dos seringais, tendo o autor descrito estes indivíduos como *"devedores"*, que nunca iriam quitar suas dívidas, mesmo com anos de trabalho.

A impossibilidade dos seringueiros adquirirem riquezas com a extração da borracha também é apresentada no **documento 6**, que conta com o relato de José Felipe Nery, pernambucano que deixou sua terra natal para trabalhar nos seringais, com a intenção de fazer fortuna e retornar ao seu Estado. Entretanto, José nunca conseguiu alcançar estes objetivos e, aos 92 anos, continuava residindo sem recursos no Acre.

Tais realidades coletadas a partir de informações dos documentos fazem parte da história da extração da borracha amazônica, que começa com a expropriação dos conhecimentos indígenas e segue com a produção em larga escala para ser comercializada com outros países do mundo a partir da inserção deste produto no sistema capitalista industrial. Nesta dinâmica, nativos e trabalhadores pobres são explorados para o enriquecimento de grandes seringalistas, comerciantes e industriais.

A história da utilização da borracha continuou através do século XX, se apresentando com novos atores, mas este começo exposto no Kit marca suas principais características e a formas de exploração de trabalhadores, recursos e técnicas.

PROPOSTA DIDÁTICA

DOCUMENTO 1A

1. Charles-Marie de La Condamine (1701-1774) foi um cientista francês que realizou diversas viagens pela América, incluindo pelo território brasileiro. Sobre elas, deixou diversos relatos, dos quais foi retirado o trecho encontrado no documento 1A. Sobre ele, responda:

a) O autor comenta sobre o "caucho". O que é o caucho?
b) Como é conhecido o produto de sua resina?
c) Em quais locais esse material é comum? Você sabe onde eles ficam?
d) Quais são as características do caucho? O que é possível produzir com esta substância?

1. Com qual povo indígena os portugueses aprenderam a fazer o caucho? Cite uma situação em que o material era utilizado por este grupo.

DOCUMENTO 1B

1. O documento 1B também traz o relato de dois viajantes alemães, Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, que fizeram passagem pelo Brasil entre 1817 e 1820. Sobre o trecho selecionado, responda:

a) Qual é o material descrito no documento? De qual árvore ele é extraído?
b) Cite três finalidades deste material, apontadas no trecho.
c) Quem originalmente dominava o processo de preparo da borracha?

1. Com base na sua resposta anterior, você acredita que o conhecimento prévio do uso deste material por certos grupos ajudou em sua exploração? Explique.

2. Compare os documentos 1A e 1B. Indique semelhanças entre os dois relatos lidos.

DOCUMENTO 2

1. O documento 2 foi escrito por Warren Dean, historiador norte-americano que produziu muitas obras sobre o Brasil. Leia o trecho e responda:

a) Qual a data do documento?

b) O documento fala sobre o processo de domesticação de plantas consideradas selvagens. O que você acha que significou esse processo?
c) Qual a relação entre a domesticação dessas plantas com o desenvolvimento do capitalismo industrial?
d) Segundo o texto, qual era a utilidade das plantas consideradas exóticas no século XIX?
e) Para Warren Dean, qual foi a maior descoberta botânica ocorrida no século XIX? Por quê?
f) Quais foram as consequências dessa descoberta?

DOCUMENTO 3A

7. Leia o documento 3A e responda:
a) Qual a data?
b) Quem é o autor? Você já ouviu falar algo sobre ele?
c) A partir do texto, descreva a rotina dos seringueiros na coleta do látex.
d) Por qual motivo os patrões (seringalistas) enviavam as bolas de borracha para os portos de Manaus e Belém? Como esse processo acontecia?

DOCUMENTO 3B

7. Observe as duas imagens presentes no documento 3B. Ambas apresentam o processo de extração do látex pelos seringueiros. Como é retratado, a partir delas, o processo da extração do látex? Descreva-o.

DOCUMENTO 4A

7. O documento 4A foi escrito por dois professores indígenas do Acre, território ocupado pelos seringueiros brasileiros no processo de extração de borracha.
a) Quais os nomes dos autores?
b) Qual o título e subtítulo que os autores atribuíram aos textos?
c) Segundo os autores, quais foram as pessoas que entraram no território do Acre?
d) De acordo com o documento, os cariús adentraram o Acre a partir de

dois principais rios. Quais são eles? Por que os rios foram importantes nesse processo?

d) Qual era a intenção dessas pessoas ao entrarem na floresta?

10. Essa entrada dos cariús na floresta causou diversos conflitos. Qual a principal causa desses conflitos?
11. A partir da leitura do trecho retirado do texto: "*Os patrões queriam que os índios abandonassem seus territórios tradicionais de moradia. Os brancos queriam ficar donos da floresta para abrir os seringais e colocar seus fregueses para produzir borracha. Cada vez vinha mais gente*". Responda:

a) Quem ocupava aquele território inicialmente? Qual era o objetivo dos "brancos" recém chegados?
b) Quem explorava diretamente os recursos disponíveis nessas terras? Quem seriam os "fregueses" segundo o trecho?
c) Diferencie os patrões dos chamados "fregueses".

10. Quais ações foram causadas pelos caucheiros peruanos que migraram para o Acre?

10. No contexto do documento, o que os autores querem dizer com o termo "correrias"?

DOCUMENTO 4B

10. O documento descreve partes da vida das populações indígenas que foram modificadas de forma significativa com a chegada da atividade seringalista no território que ocupavam.

a) Cite, a partir do texto, pelo menos duas modificações que ocorreram no cotidiano dessas populações indígenas.
b) Segundo o documento, por qual motivo os nativos eram impossibilitados de sair das terras, uma vez que elas fossem ocupadas pelos seringalistas?

15. Qual foi a relação construída entre os trabalhadores indígenas e os patrões?

a) Cite, a partir do documento, dois exemplos de situações em que os

patrões usavam de sua posição para tomar vantagem sobre os grupos nativos.

b) Entre patrões e indígenas, qual obteve maiores vantagens com a exploração da borracha?

16. Explique com as suas palavras a relação entre o título “O Tempo do Cativeiro” e o assunto tratado no documento.

17. Segundo o texto, qual foi o papel da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) na situação de exploração que os indígenas estavam vivendo?

18. A partir da leitura dos documentos 4A e 4B e dos conhecimentos que já possui, explique com suas palavras: qual você acredita que seja o impacto da demarcação das terras indígenas, citada no segundo parágrafo, sobre a exploração econômica dessas terras?

DOCUMENTO 4C

16. Charges são ilustrações produzidas com o objetivo de criticar, problematizar ou satirizar questões importantes para a sociedade. O documento 4C pertence a esse gênero artístico e foi produzido pelo chargista brasileiro Arnaldo Angeli. Observe-o e responda:

a) Qual grupo social é representado na charge?
b) O que significa as marcações existentes nas costas do sujeito representado na imagem? Caso não consiga identificar, retorne ao documento 3B.
c) Qual é a problematização do autor?
d) Após ler os documentos 4A e 4B, você concorda com a crítica de Arnaldo Angeli? Por quê?

DOCUMENTO 5A

16. O documento 5A é um relato feito pelo escritor e jornalista Euclides da Cunha.

a) Por que as pessoas descritas no texto migraram para o litoral? Como as autoridades públicas enxergavam essas pessoas?
b) Para onde essas pessoas eram mandadas pelas autoridades? E de que forma eram mandadas?
c) O que o autor quis dizer na frase “expatria-los dentro da própria pátria”?

PROPOSTA DIDÁTICA

DOCUMENTO 5B

21. O documento 5B, também de autoria de Euclides da Cunha, narra a trajetória de muitos sujeitos que largaram seus locais de origem para trabalhar com a extração da borracha na Amazônia. Leia-o e responda:

a) Qual a data do documento?
b) De qual região do Brasil parte o seringueiro descrito por Euclides da Cunha?
c) Por que você acha que muitas pessoas saíam de seus locais de origem para trabalhar com a extração da borracha?
d) Euclides da Cunha cita as diversas dívidas adquiridas pelo seringueiro desde a saída de seu estado natal até a chegada ao Pará. Essas dívidas eram pagas? Retire trechos do documento para justificar sua resposta.
e) Após a leitura, você acha que os seringueiros possuíam condições favoráveis de vida? Por quê?

DOCUMENTO 6

21. Leia o relato presente no documento 6

a) Qual a data do documento?
b) Onde José Felipe Nery morava?
c) Por que ele foi para o Acre?
d) José Felipe Nery conseguiu alcançar seu objetivo? Retire trechos do documento para justificar sua resposta.

PERGUNTAS FINAIS

21. A Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes foi criada em 1990 a partir das reivindicações de seringueiros do Acre. A Resex tem como objetivo preservar a floresta Amazônica, possibilitar que as comunidades tradicionais utilizem os recursos da natureza de modo sustentável e assegurar os meios de existência dessas populações. Neste espaço, há o extrativismo de alguns itens, como borracha, castanha e açaí.

a) Você sabe quem foi Chico Mendes? Realize pesquisas para conhecê-lo melhor.
b) Após ler todos os documentos deste Kit, por que você acredita que essa unidade de preservação foi criada? Caso seja necessário, pesquise para conhecer mais sobre a Resex.

PROPOSTA DIDÁTICA

24. Leia as manchetes de notícias a seguir e responda:

"Morte de líder seringueiro em Rondônia está sem investigação"[2]
"Seringueiro indígena morre trabalhando em manejo florestal"[3]

Você acredita que a situação incerta dos seringueiros no Brasil mudou, desde o período do final do século XIX e começo do XX? Explique, comparando as manchetes acima com elementos vistos nos documentos.

2. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/>. Acesso em: 03 de jul. 2023.
3. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/>. Acesso em: 03 de jul. 2023.

DOCUMENTO 1A

"A resina chamada **"caucho"** nos países da província de Quito vizinhos do mar é também comuníssima nas margens do (rio) Maranhão, e tem a mesma utilidade. Quando ela está fresca, dá-se-lhe com moldes a forma que se quer; ela é impenetrável à chuva, mas o que a torna digna de nota é a sua grande elasticidade. Fazem-se com elas garrafas que não são **friáveis,** e botas, e bolas ocas, que se achatam quando se apertam, mas que retornam a sua primitiva forma desde que livres. Os portugueses do Pará aprenderam com os **omáguas** a fazer com essa substância umas bombas ou seringas que não necessitam de pistão: têm a forma de pêras ocas, com um pequeno buraco em uma das extremidades a que se adapta uma cânula. Enchem-se d'água, e, apertando-se quando estão cheias, fazem o efeito de uma seringa ordinária. Tal utensílio é de grande emprego entre os **omáguas**. Quando eles se reúnem para alguma festa sua, o dono da casa não deixa de apresentar uma por polidez a cada convidado, e seu uso precede sempre entre eles as refeições de cerimônia."

LA CONDAMINE, Charles-Marie de, 1701-1774. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000, p. 72. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1045/580837.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

Glossário:
Omáguas: sociedade indígena da Amazônia, que desapareceu no século XVII, por conta de epidemias.
Caucho: uma das árvores que produz o látex, bastante explorada na região da Bolívia e Equador.
Friáveis: algo que se fragmenta facilmente.

DOCUMENTO 1B

"Nas nossas excursões botânicas pelos arredores de Rocinha encontramos, não raro, a notável árvore que dá a borracha ou cauchu. É chamada pelos brasileiros de seringueira, porque a princípio se faziam com a seiva leitosa somente as seringas em forma de pera, que também agora são os objetos mais comuns de borracha, que aparecem no mercado. A seringueira [...] sobretudo quando ferida, derrama uma seiva leitosa, o **látex** [...] Quando esses filamentos revestem galhos finos, formam canudos elásticos, os quais, ao que parece, a princípio indicaram a propriedade do material para muitas finalidades. O certo é que, antes de se usar a borracha como meio de limpar o papel, os índios faziam com esses tubos, bicos de seringa, cachimbos para fumar (...)"

"Dos **campevas** é que os outros índios, também os do Pará, aprenderam o preparo da borracha, com a qual sabem fazer seringas, sapatos, botas e chapéus".

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. Volume III, pág 44 e 289. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/573991/001118266_Viagem_pelo_Brasil_v.3.pdf?sequence=16&isAllowed=y>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

Fabricação de calçados de borracha

Glossário:
Látex: líquido extraído de diversas árvores, como a seringueira e o caucho.
Campevas: grupo indígena da região amazônica, também conhecidos como Kambeba.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil:* compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias (1840). Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 219.

DOCUMENTO 2

"Por volta do século XIX, a transferência de plantas exóticas e a busca de plantas selvagens passíveis de domesticação eram atividades que se tornavam racionalizadas, organizadas e postas a serviço do capitalismo industrial. A Europa mandava coletores aos mais distantes rincões da Terra à procura de espécies desconhecidas que pudessem servir como matéria-prima, remédio ou ornamento. Embora fosse expressão de burocracias científicas e estatais, esse empreendimento tinha um quê de romantismo: era a demanda do raro, do precioso, do perigoso.

De todos os grandes feitos daquela época de descobertas botânicas, nenhum foi mais grandioso do que a domesticação das árvores produtoras de borracha. Os habitantes do Novo Mundo mostraram a borracha, que obtinham de várias espécies de plantas tropicais, aos primeiros exploradores, inclusive Colombo. Sendo um produto instável, durante mais de três séculos a borracha permaneceu uma simples curiosidade. Mais tarde, em 1839, descobriu-se que as propriedades elásticas da borracha podiam tornar-se mais duradouras por meio de um tratamento com enxofre e calor. Suas aplicações multiplicaram-se, e intensificou-se a exploração de várias árvores silvestres produtoras de borracha, inclusive algumas que logo foram descobertas na Ásia e na África."

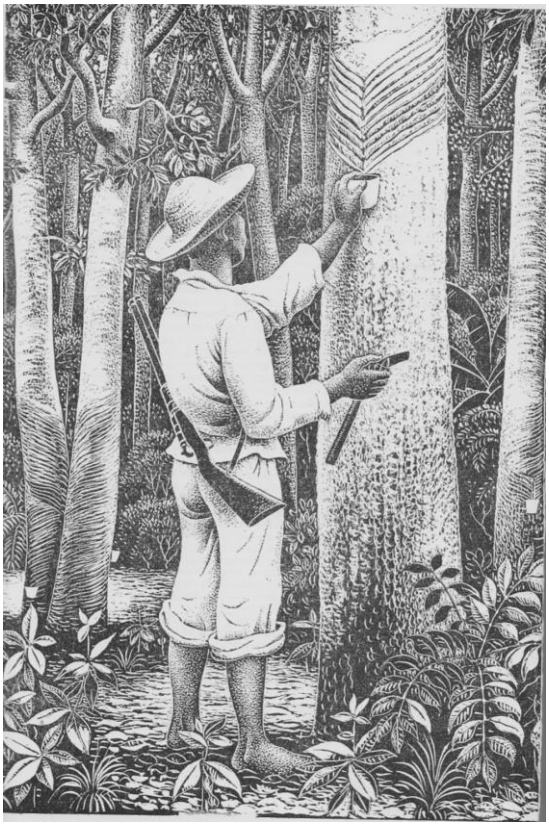
DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: Um Estudo de História Ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989, p. 24.

DOCUMENTO 3A

“Por volta das dez da manhã, cento e cinquenta a cento e oitenta árvores foram mais trabalhadas; depois de ter almoçado, o seringueiro regressa pela sua “estrada” e recolhe o látex que escorrem desde a manhã para as taças de zinco presas ao tronco, cujo conteúdo verte num saco confeccionado por ele em algodão grosseiro, impregnado de borracha. No regresso, por volta das cinco horas da tarde, começa a terceira fase, isto é, a “lubrificação” da bola de borracha, informação: o “leite” é lentamente incorporado à massa enfiada num pau transversal e suspenso por cima de um fogo. O fumo coagula essa borracha em camadas finas que são tornadas uniformes, fazendo lentamente girar a bola em torno do seu eixo. É considerada terminada quando atinge um peso “standard” que oscila entre trinta e setenta kg segundo as regiões. A confecção de uma bola pode levar várias semanas quando as árvores estão esgotadas. As bolas (que variam muito de acordo com a qualidade do látex e a técnica de feitura) são colocadas ao longo do rio onde o patrão vem todos os anos apanhá-las, para comprimi-las no seu depósito, fazendo *peles de borrachas* e depois amarrá-las, formando jangadas, destinadas a desfazerem-se, ao passarem as quedas da d´água, a fim de serem pacientemente reconstituídas, depois de terem passado por elas, até a chegada à Manaus ou a Belém.”

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1955, p.349.

DOCUMENTO 3B



REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Seringueiro extraindo látex, ilustração de Percy Lau. 1953. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-zTByhR0DDug/Uctsx5qW9QI/AAAAAAAAAx8/rehmg2gJ4jc/s1600/seringueiro-amazonia.jpg. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

MELONIO, Fernanda. *Extração de látex no Acre*, WWF-Bras. Disponível em: https://www.wwf.org.br/?40102/WWF-Brasil-busca-valorizar-a-borracha-nativa-da-Amaznia. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

DOCUMENTO 4A

O TEMPO DAS CORRERIAS
A chegada dos Caucheiros e dos Seringueiros

O segundo povoamento do Acre foi feito pelos homens brancos que chegaram há cem anos atrás. Foi quando os caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros começaram a invadir as terras onde muitas nações indígenas moravam desde antigamente. Esses cariús vieram para explorar recursos e riquezas da mata, principalmente a seringa e o caucho.

Os brasileiros chegaram de vários estados do Brasil: Ceará, Paraíba, Maranhão e Rio Grande do Norte. Nesse tempo, grandes embarcações começaram a subir o rio Purus e o rio Juruá. Os cariús foram entrando devagar pelos principais afluentes: os rios Acre, Iaco, Envira, Tarauacá, Gregório e Riozinho da Liberdade. Assim, foram iniciados os primeiros conflitos pela terra. Os patrões queriam que os índios abandonassem seus territórios tradicionais de moradia. Os brancos queriam ficar donos da floresta para abrir os seringais e colocar seus fregueses para produzir borracha. Cada vez vinha mais gente.

Os caucheiros peruanos chegaram no Acre varando pelas cabecerias dos rios, à procura do caucho, de peles de fantasia e de madeiras-de-lei. Mataram muitos índios e escravizaram outro bocado para trabalhar no caucho. Os peruanos ficaram pouco tempo. Logo voltaram ao Peru.

Com a chegada dos seringalistas e dos caucheiros, os índios deixaram de viver sossegados. Começaram a andar de um lado para outro, escapando das correrias. Morreu muito índio nesse tempo. Alguns povos se acabaram. Outros povos foram expulsos de suas terras e correram para as cabeceiras dos principais rios da região: Acre, Iaco, Purus, Envira, Muru, Tarauacá e Juruá. Muitos índios foram pegos e obrigados a trabalhar no cativeiro dos seringais. O patrão entregava índia nova para seringueiro cariú construir família. Nesse tempo, chegaram também muitas doenças que os índios não conheciam. Morreu muita gente de gripe, coqueluche, tuberculose, pneumonia e sarampo. Essas doenças estão fazendo a gente sofrer até os dias de hoje.

No tempo das correrias e da chegada do cariú, a borracha era muito valorizada no mundo todo. Servia para fabricar muitos objetos que eram vendidos na cidade.

KAXINAWA, Benjamin Chere; KAXINAWA, Valdir Ferreira Tui. *História Indígena*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1996, p. 35. Disponível em: <https://cpiacre.org.br/wp-content/uploads/2020/04/História_indígena.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

Glossário:
Caucheiro: trabalhadores que extraem o caucho.
Cariú: não indígenas.
Fregueses: seringueiros tornavam-se fregueses dos patrões que possuíam balcões com mantimentos e instrumentos.

DOCUMENTO 4B

O TEMPO DO CATIVEIRO

O Cativeiro do Índio Seringueiro

"Depois das correrias, os índios aprenderam a cortar seringa. (...) No seu barracão, o patrão vendia as mercadorias muito mais caras do que na cidade. O patrão pagava menos pelo quilo da borracha. E ainda enganava os índios no peso da balança. Os índios sempre saíam enganados pelo patrão, porque não sabiam ler e nem escrever. Assim viviam sempre endividados. Por causa desses débitos, não podiam deixar o seringal para procurar um bom patrão.

No tempo do cativeiro, o índio não vivia liberto. Era conhecido por caboclo. O índio vivia cativo dos débitos no barracão do seu patrão. Custou muito sofrimento até a FUNAI chegar no Acre e informar aos índios que eles tinham direitos de ter suas terras indígenas demarcadas."

KAXINAWA, Edson Medeiros Ixã; KAXINAWA, Isaias Sales Ibã; *História Indígena*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1996, p. 35. Disponível em: <https://cpiacre.org.br/wp-content/uploads/2020/04/História_indígena.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

DOCUMENTO 4C

ANGELI, Arnaldo. *Reserva indígena, 2008*. Disponível em: <https://www.angelimatador.com/product-page/reserva-indi-gena-200>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

DOCUMENTO 5A

“Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de população adventícia de famintos assombrozos, devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatria-los dentro da própria pátria.”

CUNHA, Euclides da. *À margem da história.* 3ª. Edição. Lisboa: Porto, 1922, p. 55. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=43224>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

DOCUMENTO 5B

“No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Para (35.000$), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150.000$). Depois vem a importância do transporte, num "gaiola" qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150.000$. Aditem-se cerca de 800.000$ para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no "barracão" (...) Segue para o posto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e viveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses (...) Tudo isto lhe custa cerca de 750.000$. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o "brabo" canhestro, de quem chasqueia o "manso" experimentado, e já tem o compromisso sério de 2.090.000$.

(...)

É ainda devedor e raro deixa de o ser. (...) É evidente que, (...) raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história.* 3ª. Edição. Lisboa: Porto, 1922, p. 55. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=43224>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

DOCUMENTO 6

“José Felipe Nery, encontrando-se em Recife, Pernambuco, sua terra natal, sem recursos para sobrevivência, foi informado por seringalistas que sempre permaneciam naquela terra, muitos deles em busca de saúde em visita a parentes ou mesmo rever a boa terra, fazendo turismo, se refazendo das lutas quotidianas, muitas vezes aliciando nordestinos para o trabalho na extração do látex, quando foi influenciado para trabalhar no Acre, onde havia muitas possibilidades para ganhar dinheiro, com possibilidades de retornar à terra natal com algum recurso (Nery, 1974)”.

"O objetivo era voltar à boa terra após ganhar dinheiro como seringueiro” (...) [mas,] quando prestou seu depoimento, estava com 92 anos em 1974, vivendo ainda no Acre e completamente sem recursos (...) Nery jamais retornou [à sua terra natal].”

KLEIN, Daniel da Silva. *Homens, mulheres e crianças na ocupação dos vales dos rios Purus e Acre: aspectos sociais na Amazônia sul-ocidental de 1889-1904*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 42, nº 91, 2022, p. 250-251 – Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/TjVygCDNv4mNWzK3mbLRyjF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.